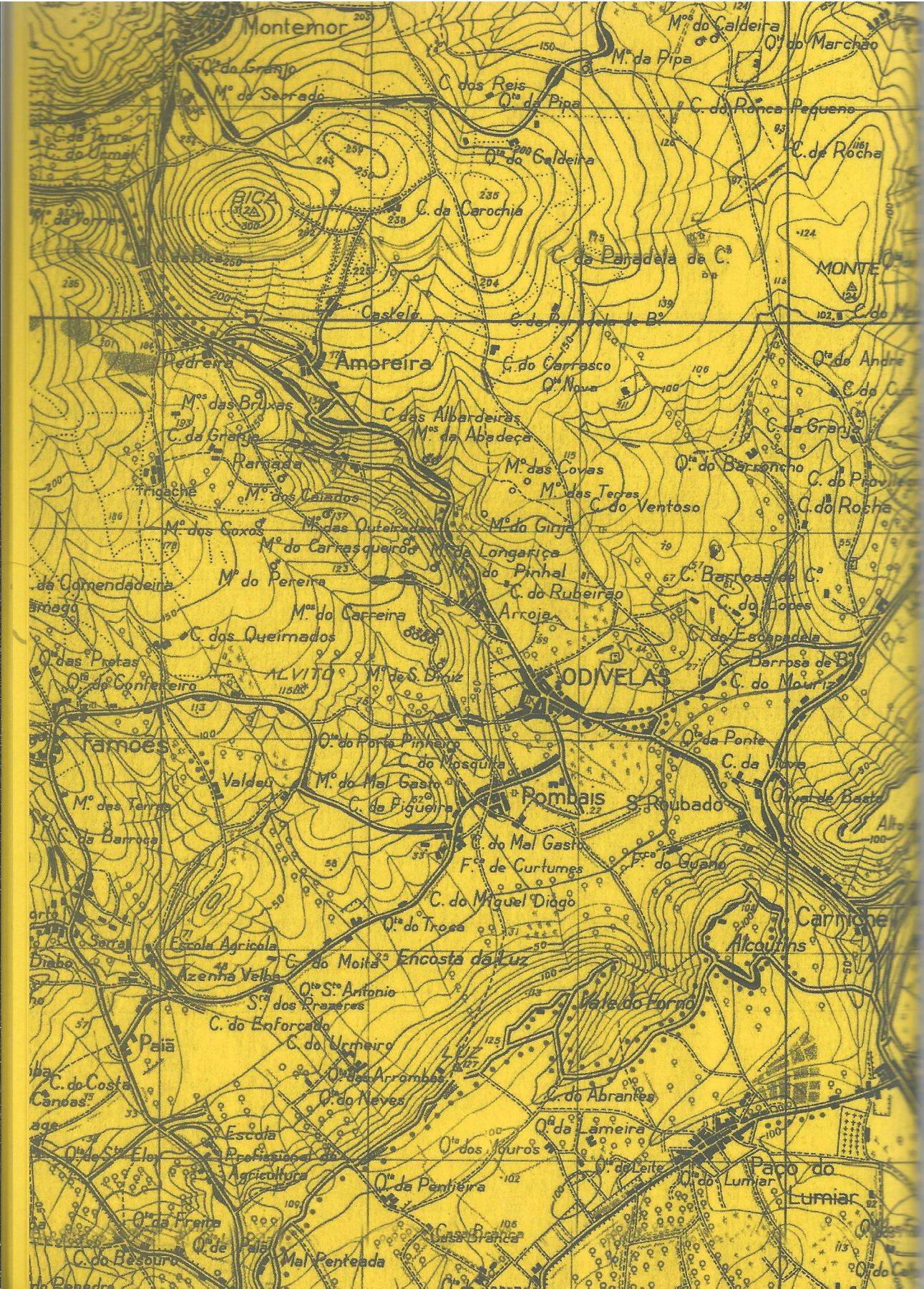
Montemor
Q.ta do Granjo
M.º do Serrado
C. da Terra
C. do Urmal
BICA
C. da Carochia
C. da Parnadela de C.ª
MONTE
Castelo
C. do P.
Pedreira
Amoreira
C. do Carrasco
Q.ta Nova
M.os das Bruxas
C. da Granja
C. das Albardeiras
M.os da Abadeça
Ramada
Trigache
M.º das Covas
M.º das Terras
M.º dos Calados
M.º das Outeiradas
M.º dos Coxos
M.º do Carrasqueiro
M.º do Pereira
M.os do Carreira
C. dos Queimados
Arroja
ALVITO
M.º de S. Diniz
ODIVELAS
Q.ta das Pretas
Q.ta do Conteireiro
Farnoes
Q.ta do Porto Pinheiro
C. do Mosquita
Valdeu
M.º do Mal Gasto
C. da Figueira
Pombais
S. Roubado
M.º das Terras
C. da Barroca
C. do Mal Gasto
F.ca de Curtumes
F.ca do Guano
C. do Miguel Diogo
Q.ta do Troca
Carrinche
Alcoutins
Escola Agricola
C. do Moita
Encosta da Luz
Azenha Velha
Q.ta S.ta Antonio
S.ta dos Prazeres
Vale do Forno
C. do Enforcado
Paiã
C. do Urmeiro
C. do Costa
Candas
Q.ta dos Arrombes
Q.ta do Neves
C. do Abrantes
Escola
Agricultura
Q.ta da Lameira
Q.ta dos Mouros
Q.ta da Penteira
Q.ta do Leite
Paço do
Lumiar
Q.ta da Freira
Casa Branca
C. do Besouro
Mal Penteada

ODIVELAS E A CRIL

Territórios, Arquitectura e Populações

Rogério Vieira de Almeida
Pedro Costa
Vitor Durão

No âmbito do CIAAM - Centro de Investigação em Arquitectura e Áreas Metropolitanas, estão em conclusão (2010-2012) três trabalhos de investigação relativos ao centro histórico de Odivelas: (1) Análise Urbana, (2) Caracterização Arquitectónico-Construtiva e (3) Caracterização Socio-Demográfica. O primeiro assenta numa análise territorial e das transformações morfológicas para entender a estrutura urbana e a sua configuração actual através da caracterização de sucessivos momentos. Os segundos e terceiros têm por base a elaboração de inquéritos exaustivos aos ocupantes de mais das quinhentas fracções (habitações, comércio e serviços). O que a seguir se apresenta são as reflexões individuais dos três investigadores envolvidos.

ODIVELAS, ANTES E DEPOIS. CONJECTURAS SOBRE A NATUREZA DO TEMPO NA ARQUITECTURA[1]

"nunca percebeu [...] como tudo começou: a única coisa que se lembra é de que corriam de mãos dadas [...] A parte mais curiosa era que as árvores e as outras coisas à sua volta nunca mudavam de lugar: por mais rápido que fossem, nunca conseguiam passar por nada. 'Será que as coisas se movem ao mesmo tempo que nós?' pensou a pobre Alice confusa." Lewis Carrol, Through the Looking Glass, 1871

1. Como na alegoria de Lewis Carrol, passaram por Odivelas transformações intensas e rápidas. À forma como aconteceram essas mudanças – urbanas, arquitectónicas e territoriais – pode aplicar-se a mesma expressão que a Rainha Vermelha utilizou com Alice: "mais rapidamente! Não tente falar!".[2]

Em 1982-83 Odivelas era, ainda, um aglomerado fora de Lisboa. Ligava-a à capital apenas o prolongamento da Alameda das Linhas de Torres e a Calçada de Carriche. Estava-se, ainda, distante das redes de infra-estruturas e de transportes que, depois, se tornaram omnipresentes no território. O tempo de uma geração foi o necessário para que, junto a Odivelas, a infra-estruturação acontecesse de forma intensa e se cumprisse o desígnio do território europeu: ser atravessado por vias de comunicação que ligam entre si os diversos pontos com os meios disponíveis em cada época. Daí que a relação umbilical que até há umas décadas tinha com a capital se tenha alterado: a grande cidade/metrópole chegou a Odivelas e o quadro de vida ainda marcado pela presença da exploração agrícola

1) Rogério Vieira de Almeida
2) Os excertos de obras em língua estrangeira são tradução do autor do presente texto.
3) Por excesso entende-se o alerta, que subscrevo integralmente, contra "as duas deformações que, pesadamente, influíram sobre a historiografia artística nos últimos decénios: a iconologia selvagem e o anacronismo", TAFURI, Manfredo, "Introduzione", *La piazza, la chiesa, il parco*, Milano, Electa, 1991, p. 7-8.
4) "...Há 34 anos estava envolvido em lutas muito íntimas ou muito colectivas, no meu território e no dos meus amigos ou inimigos" SIZA, Álvaro, "En un Hotel de Lisboa...", *Alvaro Siza: Obras y Proyectos*. Barcelona, Gustavo Gili, 1993, p. 9; o texto está datado de 10 de Dezembro de 1992; o excerto refere-se à Casa de Chá da Boa-Nova em Matosinhos, projectada no final dos anos 1950.
5) ESBAP – Escola Superior de Belas Artes do Porto, actual Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
6) DIAS, Adalberto; SOUTINHO, Alcino; COSTA, Alexandre A.; SIZA, Álvaro; TAVARES, Domingos; MOURA, Eduardo Souto; FERNANDEZ, Sérgio, "s/t", *Depois do Modernismo*, Lisboa, 1982, p. 115-128. A correcção entre parêntesis rectos é do autor.
7) Ver neste mesmo volume o texto de Vítor Durão.
8) Em rigor esta será uma característica presente "desde sempre" nas cidades europeias, embora os vestígios materiais tornem este fenómeno visível sobretudo a partir da época medieval.
9) A importância do estudo de situações marginais como possibilidade de análise de situações e fenómenos mais alargados tem sido crescente nas últimas décadas. Um dos melhores e mais fecundos estudos, mesmo que fora do urbanismo, é GINZBURG, Carlo, *Il formaggio e i vermi. Il cosmo di un mugnaio del Cinquecento*, Turin, Einaudi, 1976, cujo prefácio oferece uma excelente introdução a esta problemática.
10) De forma algo paradoxal, ambas as posições são, de alguma forma, desmentidas pela prática cultural e arquitectónica dos próprios desde então.
11) OLIVEIRA, Alberto, s/t, *Depois do Modernismo*, Lisboa, 1982, p. 38; o texto, no original em maiúsculas e sem pontuação, tem uma disposição gráfica na página aqui apenas parcialmente reproduzida.
12) A importância da dimensão narrativa mas também do perigo dos seus abusos tem sido um tema central da obra de Carlo Ginzburg dada a associação a "atitudes relativistas que tendem a anular a distinção entre *fiction* e *history*, entre narrações fantásticas e narrações pretensamente verídicas", GINZBURG, Carlo, "Provas e possibilidades à margem de 'Il retorno di Martin Guerre', de Natalie Zemon Davis", idem, *A micro-história e outros ensaios*, Lisboa, Difel, 1991 [1978], p. 179-202.

altera-se num ápice. Este fenómeno, de colagem no tempo entre realidades muito distintas, faz parte da realidade construída e cultural nas últimas décadas e é uma quase inevitável condição do tempo das cidades. Em que medida esta duplicidade, de afastamento e periferia do centro histórico, foi essencial para o desencadear dos processos urbanos e arquitectónicos das últimas décadas? E, para além dos trajectos, vias e transportes que transformaram a paisagem, de que forma reagiram as paredes das casas de Odivelas às mudanças que, a outras escalas e dimensões, ocorriam noutros lugares e chegavam, aqui, quase só sob a forma de ecos? Mesmo que arriscando algum excesso[3], invoca-se Álvaro Siza para interrogar a possibilidade da interacção entre coisas "muito íntimas ou muito colectivas, no meu território e no dos meus amigos ou inimigos" e que podem ser um ponto de partida para algumas conjecturas[4].

2. Pelos mesmos anos (1982-83), um texto subscrito por oito arquitectos da ESBAP[5] equacionava assim a condição da arquitectura portuguesa: "a ruptura das máquinas produtivas europeias pouco têm [tem] a ver com a nossa condição; eis porque o que produzimos não pode senão aparentemente ou artificialmente incluir-se nas mesmas coordenadas; eis porque a polémica em torno do que vagamente se chama pós-modernismo não pode provocar mais ansiedade do que as condições desesperadas do exercício da profissão em Portugal."[6]

As rupturas mencionadas eram, já então, uma realidade em Portugal. Em Odivelas, elas datam dos anos 50-60 sendo, assim, anteriores à chegada das grandes transformações territoriais. Os loteamentos e construções dos anos 50-60 vêm plantar-se junto ao centro histórico. A urbanidade da cidade vertical com vontade cosmopolita e o sítio antigo e quase rural originaram uma realidade quase inesperada pela rapidez: o prédio de rendimento face a face com a casa com sobrado do século XVIII-XIX, as ruas infra-estruturadas com águas e de saneamento junto a ruas onde a fonte era ainda a única forma de abastecimento de água. As pesadas infra-estruturas de transportes, com a carga e o peso implicados pela intensidade dos usos e dos novos meios, acabam por ser mais uma consequência dessa anterior urbanização intensiva e menos o meio para um desenvolvimento e organização do território mais articulado[7].

O processo de transformações importantes ocorridas de forma súbita e concentrada no tempo a que se sucedem longos períodos de lenta evolução é uma característica comum a muitas cidades europeias desde a Idade Média[8]. Em Odivelas estamos perante um núcleo estável e consolidado pelo menos desde o século XVIII e que é sujeito a um conjunto de urbanizações rápidas a partir dos anos 50 sem qualquer tempo ou fase intermédia de evolução ou crescimento. É esta mutação – em que, de um só fôlego, se passou de sítio rural a um subúrbio proto-urbano e satélite de Lisboa – que permite ver o processo urbano como uma colagem: para além da casa frente a prédio, a rua-azinhaga face ao quarteirão-praceta.

O arco temporal de trinta anos – uma geração – que medeia até 1983 possibilita que se aponte a complexidade das relações entre tendências de âmbito geral e as transformações que localmente foram ocorrendo. Um local como Odivelas, em 1983, dificilmente teria direito a uma nota de rodapé ou, sequer, a uma menção episódica fosse numa história do século XX na arquitectura portuguesa, fosse num âmbito das transformações em curso[9]. Num tempo de mudança de paradigmas – reais ou fictícias – pode, agora, ser tomado como campo de análise da interacção entre fenómenos mais globais e realidades locais, aparentemente marginais e mais restritas.

3. No mesmo volume já citado, *Depois do Modernismo*, um outro breve texto assume-se como portador de uma posição quase diametralmente oposta à do excerto anterior: "Eis que a Arquitectura deixou de ser entendida como Ergonomia Sociologia Técnica de Construção Planeamento para ser apreciada como Drama Poesia Desenho Espaço e de novo com uma urbanidade assumida passou a ter por atributo: ela própria."[11] Neste trecho, como no primeiro, ressaltam o discurso forte e as "sólidas" cargas narrativas, quase unilaterais, na adesão à posição que pretendem veicular[12]. No entanto, três décadas depois, o "planeamento" permanece tão activo como antes, uma evidência que a transformação da várzea agrícola de Loures-Odivelas em canal de vias rápidas bastaria para comprovar[13]. Em Odivelas, pode-se afirmar, a "urbanidade [...] assumida" não é a que as mais recentes construções trouxeram mas, tão só, a que ali se apresentava desde há uns séculos.

13) A um outro nível caberá também referir como a técnica sociológica se tomou dominante em determinados âmbitos da arquitectura, por exemplo a caracterização arquitectónica do centro histórico de Odivelas foi feita com base numa metodológica de trabalho decalcada dos inquéritos sociológicos; ver ALMEIDA, Rogério Vieira de; COSTA, Pedro; DURÃO, Vítor, *Centro Histórico de Odivelas. Estudo de caracterização sócio-demográfica e estudo de caracterização arquitectónico-construtiva - Relatório final*, Lisboa, CIAAM/ISCTE-IUL, 2011, (policopiado).

14) A importância da passagem de um mundo marcado pela rigidez das ideologias para uma realidade plural foi exposta em ALMEIDA, Rogério Vieira de, "De 1976 ao final de século. Convergências, divergências e cruzamentos de nível", *Arquitectura do século XX*: Portugal, Munchen/Lisboa/ Frankfurt, Prestel/Deutsches Architektur-Museum/Portugal-Frankfurt 97/CCB, 1998, p. 72-85, sobretudo no que respeita às relações entre a realidade cultural europeia e a arquitectura portuguesa de então.

15) Uma crítica renovada e constante contra este relativismo tem sido feita desde os anos 1970 por alguns sectores das ciências sociais, o mais notado dos quais será o grupo da *microstoria* italiana. Ver LEVI, Giovanni., "I pericoli del Geertzismo", *Quaderni storici*, n. 58, Bologna, Il Mulino, 1985, p. 257-278.

16) AUSTEN, Jane, *Northanger Abbey*, London, Penguin, 2011, [1803-1818].

17) Uma chamada de atenção para a importância do entendimento analítico da realidade foi feita por GINZBURG, Carlo, *Il formaggio e i vermi*, op. cit., sobretudo no prefácio p. XI-XXXI, onde se alerta também para o problema das abordagens de Michel Foucault em que os fenómenos marginais são vistos como incompreensíveis e, portanto, impossíveis de articulação analítica. Uma mesma reserva crítica pode ser feita sobre as teorias do caos em que a complexidade dos fenómenos serve frequentemente para colocar em suspenso a possibilidade analítica dos mesmos, acentuando assim a sua incompreensão em vez do seu entendimento. De resto, um dos seus pioneiros alertou para o problema epistemológico de um determinado fenómeno poder ser visto como caótico pelo simples facto de estará a ser analisado fora do seu âmbito, ou seja sem possibilidade de recorrer aos mecanismos que o determinam; ver POINCARÉ, Jules Henri "Sur le problème des trois corps et les équations de la dynamique. Divergence des séries de M. Lindstedt". *Acta Mathematica*, n. 13, 1890, p. 1–270.

18) Antiga Casa do Arcebispo, presumivelmente D. Rodrigo de Moura Teles, Arcebispo de Braga, depois chamada Quinta da Memória.

19) Hoje a funcionar como biblioteca municipal depois de obras de recuperação posteriores a 1998.

20) *Décima da cidade: Ano de 1787*, Lisboa, Arquivo do Tribunal de Contas, 1787.

21) Actualmente Paços do Concelho depois de reabilitado na sequência da elevação a concelho WWde Odivelas em 1998.

22) Esta matriz não é exclusiva e, sendo frequente nas ruas que delimitam o centro histórico, alterna com tipos de implantação mais híbridos e diferenciados noutras áreas de Odivelas.

23) Retomo, por empréstimo e analogia, uma feliz formulação de Gombrich sobre "a fluidez das categorias" que permitem, com facilidade, que uma mesma mancha de tinta possa ser uma árvore, uma vaca; ver GOMBRICH, Ernst Hans, *Art and Illusion. A Study in the Psychology of Pictorial Representation*, London, Phaidon, 1960, sobretudo cap. VI e IX.

As indiscutíveis certezas de outros tempos deram lugar a uma espécie de cepticismo omnipresente e num relativismo convertido em matriz quase absoluta[14]. Por entre a dispersão de tendências que se consolidou a partir dos anos de 1970 é possível fixar alguns pontos relevantes sobre o que tem sido a prática cultural desde então e clarificar a perspectiva com que se pode olhar algumas relações. A renovação do interesse pela cultura erudita – com a revalorização do classicismo, do urbanismo oitocentista, do monumento e por essa via uma posterior hiper-valorização do conceito de objecto arquitectónico –, a elevação da cultura popular e de formas correntes ao estatuto de possíveis protagonistas e a emergência de uma espécie de cepticismo dominante tornaram-se comuns. No meio do relativismo primário instalado[15], o trabalho de entendimento analítico pode ser, ainda, uma via fecunda e a história, com o que contém de passado e de presente, e mesmo que em "grande parte seja invenção"[16], pode ser um instrumento de síntese e, por isso, de encontros[17].

Em Odivelas, nos últimos anos, revelaram-se monumentalidades esquecidas como os actuais Paços do Concelho , a Igreja Matriz ou a chamada cantina de D. Diniz[19]. Por outro lado à neutralidade quase cinzenta e informe da arquitectura dos anos 60, sucederam intensidades figurativas que escondem grandes rupturas e desentendimentos de escala. No entanto, esta tensão entre realidades muito distintas estava já presente, por exemplo, na forma como a rua principal – a rua direita[20] – era definida no seu troço inicial. Dum lado, a sul, a Quinta da Memória[21] e do outro, a norte, casas de lotes encostados – anteriores ao século XX ou sua segunda metade. Apesar da matriz originariamente diferente, desenham uma mesma relação com a rua. A mesma que, como já se apontou, muitos edifícios de habitação colectiva trariam, a partir dos anos de 1950-60, ao implantarem-se à face das ruas em frente das casas "antigas"[22] como se destas se tratassem e assim parecendo indiferentes à sua própria matriz contemporânea. Aqui, a linha de definição de uma rua pode ser um palácio setecentista, uma casa oitocentista, moradias com muro loteadas no século XX ou edifícios de rendimento[23]. Por outro lado aqui se encontra ainda, num pequeno conjunto, uma estrutura urbana onde a arquitectura anterior às expansões mantém a maior parte das suas características: parede plana à face da rua, remates superiores em cornija[24], um ou dois pisos de altura, vãos com pedra de bordadura e alguma constância de proporções e frente estreita. Por entre a variedade e hibridismo dos casos, é possível descortinar, em Odivelas, a presença e o cruzamento de casas que oscilam entre um modelo rústico (de piso térreo e aberturas informais) e o outro (dois pisos e esboço de regularidade e alinhamento dos vãos) saído da reconstrução pós-terramoto de 1755 e que se tornou dominante na região de Lisboa e no sul de Portugal ao longo do século XIX[25]. Por outro lado, a frente estreita evidencia como esteve presente, desde tempos recuados, a relação económica entre a arquitectura e a infra-estrutura de suporte. Sem veleidades compositivas ou de modulação[26], o controle das frentes representa, sobretudo, a necessidade de ajustar a dimensão da propriedade privada (a relação entre a largura e a profundidade das parcelas) ao espaço público que a serve (a frente de rua) e ao inerente custo que esta comporta[27].

4. A boa parte do que aqui se deixa em reflexão cabe a mesma autocrítica de Edward Gibbon: "declarar que algumas circunstâncias são fundadas em conjecturas e analogia"[28]. É à passagem de sítio rural a subúrbio, com o envolvimento imediato e instantâneo do núcleo antigo pelos novos edifícios, sem pontos de articulação ou transição, que permitiu, curiosamente, a conservação da estrutura essencial do centro histórico[29], com as ruas periféricas a serem fixadas no lado "novo" precisamente pelas construções "modernas". Num certo sentido a arquitectura parece, agora, mais acompanhada; de pessoas, de urbanidade, de instituições. Após o laissez-faire, laissez-passer que foi a regra durante décadas nestes locais, poderá haver agora, no ritmo de evolução da cidade, momentos de distensão. A transformação em município com a presença institucional irá introduzindo alguma regulação e regeneração, o problema da habitação começa, por razões económicas e não só, a colocar-se em termos diferentes, a presença do metropolitano e a diminuição da intensidade do ciclo automóvel poderão ser outros factores para que o sítio de Odivelas entre em acalmia. Como no *Outro lado do espelho*:

"A Rainha [...] disse [...],
'Podes descansar agora.'
Alice olhou à volta com espanto.
'Porque é que me parece que estive
debaixo desta árvore durante todo este tempo!
Tudo está como estava!'
'É claro que está,' Disse a Rainha,
'o que é que pensavas?"

24) As utilizações de platibanda são, quase sempre, resultado de obras de remodelação exterior, ou obras novas, do século XX.

25) Não parecendo ser possível ver naquelas características uma espécie de matriz, alguns autores têm-nas apontado como uma espécie de invariante comum a parte da arquitectura portuguesa. Ver, entre outros textos do mesmo volume, ROSSA, Walter, "Recenseando as invariantes: alinhamento de alguns casos de morfologia urbana portuguesa de padrão geométrico", idem, *A urbe e o traço: uma década de estudos sobre o urbanismo português*, Coimbra, Almedina, 2002 [2001], p. 425-444. O mesmo autor aponta, no entanto, para decisiva influência francesa na maior parte da arquitectura corrente existente em Portugal no período posterior a 1755 e que constituirá a quase totalidade dos casos.

26) A largura das frentes dominante é entre os quatro e os seis metros sobretudo nas parcelas ao longo das ruas mais antigas, sendo em menor número os casos que se situam fora deste intervalo. As dimensões indicadas são, naturalmente, aproximadas uma vez que se tratam de dimensões originadas num sistema de medidas (palmo, côvado, vara) diferente do actual.

27) Este controle das frentes públicas das construções é um factor constante no "desenho" urbano desde, pelo menos, as cidades europeias de fundação medievais até às construções junto a frentes de água (em contextos tão diferentes como, por ex., a Holanda, Flandres, Hamburgo ou o primeiro aterro da Boavista em Lisboa), levando a um claro predomínio da profundidade relativamente à largura.

28) GIBBON, Edward, The History of the Decline and Fall of the Roman Empire, vol. 5, New York, Fred de Fau and Co., 1906 [1776], pag. 282; "I owe it to myself, and to historic truth, to declare that some circumstances in the paragraph are founded only on conjecture and analogy." De alguma forma, a evolução do trabalho de análise urbana em curso poderá confirmar ou infirmar algumas destas afirmações e conjecturas. Ver o texto de Vítor Durão neste volume e respectivas referências.

29) Um primeiro intento de delimitação e inventariação dos principais edifícios do centro histórico foi feito em *Património cultural construído. Aglomerados. Loures*, Loures, Câmara Municipal de Loures, 1988, p. 69-70.

OS DESAFIOS NO CAMPO DAS DINÂMICAS SOCIOECONÓMICAS E DEMOGRÁFICAS[1]

1) Pedro Costa

A análise efectuada com base nas respostas aos inquéritos realizados sobre os usos habitacionais e não habitacionais no centro histórico de Odivelas permite-nos tirar algumas conclusões e equacionar os novos desafios de reconfiguração que esta zona enfrenta num cenário metropolitano de forte recomposição social e económica. À dimensão de centralidade periférica que esta zona desempenhava (e à luz da qual continua eventualmente a ser vista pelos olhos de muitos, tanto externamente, como no próprio local) importa acrescentar eventualmente outras dimensões que permitam reconhecer o efectivo papel (e as efectivas dinâmicas) que esta zona do concelho de Odivelas tem actualmente no cenário metropolitano.

Aqui se sintetizam as conclusões genéricas que decorrem do trabalho efectuado e que cobriam um conjunto diversificado de áreas de análise e que foram exaustivamente descritas a partir dos dados do inquérito[1]. Em termos gerais, e no que se refere aos usos não habitacionais, a grande maioria das fracções alvo de análise foi identificada como estando ocupada e associada ao regime de arrendamento. Os usos identificados são muito variados, predominando a utilização por actividades económicas, de tipologia muito diversificada (cerca de ¾ do total, complementadas com algumas colectividades, associações ou outros equipamentos colectivos), com destaque claro para as actividades comercial e de serviços, quaisquer delas claramente marcadas pela actividade "de proximidade", isto é por funções centrais de nível hierárquico não muito elevado, dirigidas em grande parte ao mercado local, seja do próprio bairro, seja de uma área de influência um pouco maior, em certos casos (restauração e outra actividade comercial e de serviços de apoio à população que trabalha quotidianamente na zona, por ex.). No entanto, denota-se em paralelo a existência de algumas funções centrais mais especializadas, tanto nos serviços públicos como em algumas actividades económicas pontuais com área de influência supra-local, num quadro geral caracterizado pela muito pequena dimensão do tecido empresarial local, bem como pela diversidade de situações no que concerne à antiguidade da sua implantação no local.

Face a esta conjunção de realidades muito distintas, com agentes económicos a desempenharem funções centrais com áreas de influência muito variáveis, há que destacar, tanto o significativo peso relativo de utilizadores locais, associado à prestação de um conjunto significativo de serviços e funções comerciais de proximidade, quanto, por outro lado, o relevante peso de utilizadores externos, indiciando funções centrais de nível mais abrangente, algumas delas relativamente especializadas. Este perfil duplo, resulta do perfil simultaneamente residencial e central no centro da cidade de Odivelas (envolvendo utilizadores residentes, que trabalham no bairro e na sua envolvente, ou que aqui se deslocam especificamente para certas actividades) e da sua proximidade a um outro conjunto de áreas economicamente dinâmicas na cidade, com as quais obtêm certas sinergias e economias de localização. Esta diversidade faz-se igualmente notar na variedade de situações em relação à frequência de utilização destes serviços, que reflecte esta multiplicidade de níveis de centralidade (e portanto da hierarquia) das funções desempenhadas no centro histórico em observação.

No que concerne aos usos habitacionais, foram analisadas diversas dimensões, desde a caracterização do inquirido e da sua situação habitacional, ao perfil sociodemográfico da população residente na área, às suas percepções no que concerne à satisfação residencial, à análise das deslocações quotidianas e do relacionamento dos habitantes com a envolvente, das suas sociabilidades e tempos livres, da sua participação associativa ou das suas atitudes e práticas perante a reabilitação da habitação.

Destaca-se uma situação marcada por uma ocupação do edificado (apesar de uma percentagem significativa – cerca de ¼ do total – de fogos desocupados) predominantemente pelos próprios proprietários, não obstante um peso também significativo do arrendamento. Em termos diacrónicos, esta ocupação acompanha maioritariamente as dinâmicas de consolidação urbana da zona, podendo-se admitir uma forte sincronia no seu desenvolvimento (e uma escassa da propriedade, tanto rotação no mercado de arrendamento como no de venda), visível por exemplo nos quase 50% dos contratos de arrendamento em vigor realizados nas décadas de 60 e 70. A situação perante o imóvel e os encargos com ele assumidos é bastante diversificada (facto que os dados sobre despesas quotidianas permitiu corroborar) o que reflecte a diversidade socioeconómica verificada, não obstante as tendências sociodemográficas dominantes. É notória a reduzida dimensão dos agregados familiares, sendo que 70% dos inquiridos vivem

sozinhos ou em conjunto apenas com uma outra pessoa, num quadro dominado pela utilização monogeracional. Os dados permitem perceber claramente a estrutura demográfica envelhecida da população do bairro que, não obstante a grande variabilidade etária, se traduz no facto de metade dos agregados ter uma idade média acima dos 60 anos. O cruzamento com as variáveis género e estado civil permite comprovar uma maioria de situações de população numa fase adiantada do ciclo de vida com permanência no local há tempo considerável, onde a origem dominante é essencialmente regional (60% dos residentes é natural da Região de Lisboa e Vale do Tejo), apesar de alguma diversidade de origens geográficas que inclui cerca de 10% de nacionalidade estrangeira.

A composição sociodemográfica (com quase 40% de reformados a destacarem-se) é marcada por níveis bastante baixos de habilitações, espelhando eventualmente o peso da estrutura demográfica envelhecida face àquilo que é a realidade actual do país, com uma esmagadora maioria (cerca de 50%) apenas com o 1º ciclo do ensino básico (ou equivalente) (ou menos) em termos das suas habilitações e menos de 10% com ensino superior. A proveniência dominante em termos de rendimentos auferidos é a das pensões de reforma (50% dos casos) seguida de perto pela remuneração do trabalho, sendo os restantes casos residuais.

Na maior parte dos casos estamos perante uma população há muito estabelecida no local e com raízes bem consolidadas, com 70% dos inquiridos a residir há mais de 20 anos no local e onde a esmagadora maioria (85%) não equaciona a hipótese de mudar de casa. A maioria está bastante satisfeita com a habitação (como é aliás natural em estudos deste tipo), sendo que as questões da localização e acessibilidade e, por outro da calma/tranquilidade da zona são as mais geralmente apontadas para fundamentar esta apreciação, bem como também outros aspectos ligados ao meio envolvente, ao espaço, e ao conforto. Quanto às principais razões para insatisfação com a habitação ressaltam a qualidade de construção e o conforto, apontando portanto muito mais claramente para as características intrínsecas do imóvel do que para os aspectos associados às características locais e da sua vivência quotidiana. O nível de satisfação com a zona é igualmente elevado, associando-se a satisfação maioritariamente a aspectos como as relações de vizinhança, a acessibilidade pedonal e a noção de sossego ou calma. Por seu lado, os motivos de insatisfação prendem-se maioritariamente com as questões da higiene urbana, do trânsito, da intensidade do ruído e do estacionamento.

A intervenção já verificada na área é percepcionada pelos moradores pela via da requalificação patrimonial do edificado do centro histórico, mas as suas preocupações em termos de actuação futura estão claramente mais voltadas para a melhoria do património habitacional individual (melhoria das condições das habitações, arranjo das fachadas exteriores dos edifícios) do que para intervenções em relação à recuperação de monumentos, melhoria dos equipamentos e espaços socioculturais ou criação de novos espaços de animação cultural.

A estes aspectos juntam-se ainda outros, associados às deslocações quotidianas, mobilidades, utilização dos tempos livres e sociabilidades, bem como à participação cívica e a associativa e as práticas em relação à reabilitação das habitações, que estão disponíveis no estudo realizado e permitem aprofundar e complementar o quadro de análise aqui sintetizado.

De toda a análise efectuada no que concerne aos aspectos sociodemográficos e económicos resulta um quadro múltiplo e diverso, que nos permite equacionar as dinâmicas recentes e perspectivar a evolução deste território num futuro próximo. Importa agora reflectir e actuar com profundidade, tendo em conta esta informação de base, de modo a fazer face a um conjunto de desafios que se colocam à vitalidade urbana e à sustentabilidade das dinâmicas verificadas neste território.

Sem prejuízo da necessidade de uma reflexão mais aprofundada e alargada e da elaboração conjunta de um diagnóstico mais participado, envolvendo os agentes chave com peso e capacidade de intervenção neste espaço (por exemplo, através do desenvolvimento de uma síntese de diagnóstico e de uma análise SWOT multi-actor, que possa servir de base à discussão de estratégias comuns de actuação), importa desde já sistematizar um conjunto de desafios que resultam directamente da caracterização efectuada e das dimensões de análise prosseguidas.

Poderão neste quadro pelo menos ser identificadas as seguintes 5 áreas que consubstanciam claros desafios para a intervenção sobre este território:

i) A recomposição sociodemográfica da área, que se perspectiva face à estrutura envelhecida da população local e às lógicas do ciclo de vida urbano, bem como às dinâmicas de evolução da própria área metropolitana, onde a atractividade deste território começa a ser equacionada numa lógica bem distinta do que era em décadas anteriores (tanto no quadro do município como no da metrópole).
ii) As necessidades de reabilitação e conservação física do edificado, que se estendem bem para além das zonas já intervencionadas e dos espaços públicos, e que se jogam muito nos mecanismos de incentivo à actuação nos espaços privados e nas lógicas de governança que possam ser equacionadas.
iii) A vitalização e dinamização socioeconómica desta área da cidade, associada necessariamente à sua recomposição sociodemográfica mas também à centralidade crescente do município (e do seu centro) na estruturação metropolitana, passando esses desafios à vitalização da área necessariamente por aspectos como as vivências quotidianas dos seus utilizadores, as suas dinâmicas de participação, a apropriação que fazem dos espaços públicos ou os factores para a competitividade territorial deste espaço no que concerne à atracção da actividade económica.
iv) A assunção e promoção da centralidade desta zona na cidade e na área metropolitana de que faz parte, assumindo a sua importância na vida quotidiana dos seus residentes e dos seus trabalhadores e utentes diários, mas equacionando da mesma forma a localização de funções centrais mais abrangentes e de nível superior (públicas e privadas) que consubstanciem a sua atractividade para hinterlands mais alargados, seja nas vivências de segmentos populacionais específicos, seja nos casos das actividades económicas, das práticas sociais, culturais e desportivas.
v) A questão da promoção e afirmação deste território nas esferas do simbólico, equacionando as questões da imagem e do marketing territorial e os aspectos associados ao reforço das identidades locais, ou seja, pensando e actuando sobre as representações que interna e externamente são assumidas acerca deste território, pelos seus utilizadores e frequentadores, pela população residente, mas igualmente pela população em geral do município e da área metropolitana envolvente, através de uma estratégia de comunicação (e de fomento à participação) que fomente a capacitação dos agentes para a actuação nestas esferas.

Sem pretender no âmbito desta síntese esgotar a identificação dos desafios cruciais que se colocam à intervenção neste território, esperamos que a informação recolhida e esta análise preliminar possam servir como instrumento para uma actuação consistente e decidida por parte da autarquia e das demais entidades competentes, no sentido de potenciarem uma qualificação e (re) vitalização residencial e socioeconómica desta área, em diálogo e parceria permanentes com a população e o tecido social, económico, cultural e associativo locais. Por outro lado, esperamos também que esta breve reflexão nos permita pensar de forma mais estruturada os desafios que este centro histórico enfrenta num contexto de expansão em mancha de óleo de um concelho que se configura como central em torno dessa nova "avenida pós moderna" que a CRIL parece poder configurar na área metropolitana de Lisboa.

ODIVELAS/TRAJETOS.
ANÁLISE TERRITORIAL E URBANA[1]

Os trajetos estruturaram e estruturam o território, como estabelecem relações sincrónicas e diacrónicas com a urbanização, a cidade e a região. Odivelas é um interessante e rico campo de análise deste género de fenómenos devido à transformação territorial e urbana ocorrida nos últimos sessenta anos. A análise já realizada ao núcleo histórico sedimentou conhecimentos que fundamentam, em parte, este apontamento.

Processo de Formação: Caminho-Rua Direita/Mosteiro-Aldeia

Os traçados dos trajetos que ao longo de centenas de anos estruturaram o território tinham significativa permanência temporal[2]. A expansão urbana iniciada em meados do século XX alterou essa realidade, que nos finais do século foi ainda ampliada pela construção de vias-rápidas que culminaram na CRIL. Na Carta Militar de 1936 (fig.1) observamos dois trajetos muito antigos que saiam de Lisboa: um que vinha pelo Paço de Carnide, passava pela Pontinha, Paiã, Pombais e Odivelas e outro que passava pelo Paço do Lumiar, Carriche e Senhor Roubado que se prolongava, a ladear a ribeira, a cota não alagável indo pela Póvoa, Frielas e Loures. Caminho romano, ou anterior, era um importante trajeto que permitia a ocupação humana de fundo de vale, muito relacionada com a agricultura devido aos terrenos férteis da várzea, e o acesso ao interior. Na meia encosta passando por Caneças, havia um outro trajeto matriz. A ligação entre estes trajetos, de fundo de vale e de meia encosta fazia-se, faz-se, por um trajeto sinuoso que acompanhava uma ribeira e onde se fundou o assentamento de Odivelas. Junto ao trajeto e à ribeira, de um ou de outro lado (serra da Amoreira, Pedreiras, Trigaxe, Ramada), há vestígios arqueológicos de ocupações humanas dispersas desde o Paleolítico. Foi também junto a este sistema (trajeto e ribeira) e a duas emergências de água doce, próximo de bons terrenos agrícolas, de pedreiras e de locais ventosos (moinhos), num local de relevo pouco acidentado relativamente à envolvente, na Quinta do Vale de Flores, próximo de casas existentes, possível Paço de D. Dinis[3], que se implantou o Mosteiro Cistersense de Odivelas, cuja construção foi iniciada em 1295 por ordem do mesmo rei e concluída essa primeira fase em 1305. O assentamento de Odivelas desenvolveu-se ao longo desse trajeto sendo o elemento fundamental na estruturação da povoação. Com a consolidação da aldeia, o caminho ao passar por esta transforma-se em "rua direita"[4]. O sítio transformou-se em lugar e o caminho transformou-se em rua[5]. A forma do assentamento,

1) Vitor Durão
2) CANIGGIA, Gianfranco; Maffei, Gian Luigi – "Lettura dell' edilizia di base", 1979, Trad. Castelhana: Tipologia de la edificación - estrutura del espacio antrópico, Madrid, Celeste Ediciones, S.A., 1995. ISBN:84-8211-000-4
3) VAZ, Maria Máxima – "Património Histórico - Artístico", in "Loures Tradição e Mudança. I Centenário da formação do Concelho 1886 - 1986", vol. 1, Loures, 1986, pp. 87 – 136, 1986.
4) DÉCIMA DA CIDADE, Arquivo do Tribunal de Contas, Consulta do livro de arruamentos do ano de 1787.
5) POZO Y BARAJAS, Alfonso del – Sevilla. Elementos de Análisis Urbano, Sevilla, Universidad de Sevilla, 2003. ISBN: 84-472-0797-8. A analogia deriva dos estudos fenomenológicos que relacionam o ventre materno, a casa e a cidade desenvolvidos por Bachelard (1957) e que foram aplicados e desenvolvidos por Pozo na análise das muralhas de Sevilha.
6) A Décima da Cidade foi um imposto intermitente até ao terramoto de 1755. A partir daí e pela necessidade de custear a reconstrução da cidade de Lisboa passou a ser permanente e sistemático.
7) ARQUIVO de Processos da Câmara Municipal de Odivelas, Loteamentos.
8) Houve algumas preocupações da C. M. Loures e da C. M. de Lisboa com a realização de Planos de Urbanização para o local e em dar alguma qualidade aos espaços que emergiam, mas não foi realizado um Plano Geral orientador que era neste caso fundamental pela expansão muito rápida que se verificou da urbanização e pelas características físicas do local.
9) Evolução da população da freguesia de Odivelas: em 1900 eram 1.746 indivíduos; em 1940 eram 3.696; em 1950 eram 6.772; enquanto em 1960 já eram 27.423 e em 1970 a população era composta por 51.037 indivíduos.
10) ALMEIDA, Rogério Vieira de; COSTA, Pedro; DURÃO, Vitor – "Centro Histórico de Odivelas. Estudo de caracterização sócio-demográfica e estudo de caracterização arquitectónico-construtiva" - Relatório final, Lisboa, CIAAM/ ISCTE-IUL, 2011.
11) A antiga Rua Direita ou Rua Direita da Memória é a atual Rua Guilherme Gomes Fernandes.
12) O mosteiro foi disponibilizado no final do século XIX para colégio tendo sido remodelado e ampliado para ser utilizado como escola de filhas de Oficiais do Exército e Armada, sendo na actualidade o Instituto de Odivelas.

apesar de não ser amuralhado, era de grande clareza pela estrutura viária, propriedade cadastral, tipos construídos, densidade e integração com o sítio. O assentamento e a sua envolvente próxima permaneceram quase imutáveis pelo menos nos três últimos séculos como se percebe da descrição da Décima da Cidade[6] nos anos subsequentes ao terramoto de 1755, diferenciando-se da atualidade pela menor volumetria dos edifícios e por existirem tipologias de características agrícolas entre os tipos edificados de que ainda há reminiscências.

Transformação Urbana: Estrada/Subúrbio

A expansão iniciada nos finais do século XIX na cidade de Lisboa prolongou-se para o seu termo a partir de meados do século XX. As principais estradas que saem de Lisboa foram alargadas e pavimentadas, como criadas novas. Expandem-se as redes de transporte público até aos limites da cidade (autocarro e elétrico), sendo o acesso pela calçada de Carriche decisivo à expansão urbana para a região de Loures e Odivelas. Em 1949 foi apresentado, na Câmara Municipal de Loures, o primeiro loteamento para Odivelas,[7] que se localizava próximo da vila. Reordenou a rua da Fonte mas pouco diálogo estabeleceu com o existente deixando espaços por rematar. Foi assim com esse loteamento e com os que se lhe seguiram. Foram sendo criados novos loteamentos sem o necessário planeamento[8], nem com uma estratégia de ocupação do território, muito ao sabor da promoção imobiliária. Gerou-se uma ocupação descontinuada no território produzindo uma ocupação em "mancha de óleo" como se observa na fig.2. Não se criavam equipamentos nem espaços públicos que gerassem novas centralidades.

Nasceram desse modo os subúrbios desqualificados que foram o tempo áureo da especulação imobiliária na região para onde vieram muitos dos migrantes que se instalaram na região de Lisboa[9]. A expansão urbana não derrubou a vila de Odivelas, só casas isoladas ou pequenos conjuntos. A continuação persistente da expansão urbana e de esforços de requalificação, elevou em 1990 Odivelas à categoria de cidade. Os esforços municipais em reordenar o território têm gradualmente modificado a qualidade dos espaços urbanos e do edificado apesar das dificuldades físicas do próprio território da descontinuidade das primeiras urbanizações e dos interstícios daí resultantes como da desqualificação de alguns dos seus espaços urbanos. Foram criadas diversas centralidades que contribuem em muito para a melhoria da vida das suas populações e da vivência local retirando à cidade de Odivelas o epíteto de subúrbio desqualificado de Lisboa pois tem vida urbana diária permanente, atividades económicas que retêm populações, equipamentos e espaços públicos dignificantes. Enquanto a cidade se requalificava o núcleo histórico (a antiga vila) perdia população existindo na atualidade edifícios devolutos, degradados e a necessitarem de ser reabilitados[10]. Na antiga rua Direita[11] e nos espaços urbanos que são exclusivamente acedidos a partir desta existem 54,2% dos comércios e serviços, incluído o Mosteiro e o Instituto de Odivelas[12]. Mantém comércio local algo desatualizado. Está num processo de regeneração urbana, de que faz parte a abertura do novo Paço do Concelho

no edifício principal da Quinta da Memória, a nova Biblioteca na casa da Quinta da Senhora do Carmo, a maior abertura do mosteiro de S. Dinis à população (praticamente inacessível desde há muitos anos) são contributos qualitativos para que (re)nasça o Centro Histórico de Odivelas. A vontade política do novo município em conhecer, divulgar e afirmar a sua história tem em muito contribuído para um crescente incremento de conhecimento sobre o local, sobre os seus edifícios, gentes e seus produtos.[13]

Transformação Territorial:CRIL–Ruptura/Consolidação

A CRIL e as vias rápidas que cercam Odivelas têm um impacto significativo sobre a cidade, na relação desta com localidades vizinhas como na relação com a AML. Na pequena escala a CRIL gera ruturas urbanas e territoriais irresolúveis ao fragmentar o território, impedindo permeabilidades (caso da relação com Olival Basto e Senhor Roubado, entre outras) e nos pontos de contacto gera espaços urbanos desqualificados devido aos interstícios que criou, como é em muitos locais um grave problema ambiental, nomeadamente pelo ruído e pelo impacto paisagístico negativo que produz. A CRIL é uma via-rápida de tráfego muito intenso. Não é próprio ter na sua proximidade atividades humanas que requerem ambientes tranquilos como o lazer e a residência. Os novos edifícios que reordenaram a frente de Odivelas relacionam-se com a CRIL enquanto os espaços urbanos que servem de remate dialogam de modo pouco consistente. Mas a CRIL é sobretudo própria para atividades económicas de grande escala, equipamentos e de atividades que se valorizem por estarem junto a uma via com as características da CRIL: acessibilidade central na AML e à periferia de Lisboa, proximidade ao aeroporto, e porto de Lisboa, ligação ao sul pela ponte Vasco da Gama e num futuro, pela ponte da Trafaria, ligação ao norte e todas as ligações que entroncam na CRIL e que dela radiam.

Esta variedade de acessos e de relações fazem desta via, e numa perspetiva de escala regional, uma via que por si pode em muito contribuir para a transformação da AML, como para a relação Lisboa/periferia, ao trazer para essa fronteira um elemento que se pode transformar num eixo central de acessibilidade regional e de atividades económicas. Novas visões vão nascer (CRIL avenida pós-moderna) porque novas possibilidades foram criadas e novas centralidades surgirão tendo como pretexto a CRIL e a facilidade de acessos[14]. A consolidação da AML, como região/cidade poderá nos próximos anos passar a ser a motivação política determinante[15] de modo a melhor afirmar-se na Europa e no mundo. Foram e são as opções polí-

13) DURÃO, Vitor – "A relevância dos núcleos históricos da periferia de Lisboa na regeneração urbana da Área Metropolitana de Lisboa", integrado no painel: "Ordenamento do território e a estabilização dos usos do solo". Acta do VIII Congresso Ibérico de Urbanistas "A mudança do ciclo. Um novo urbanismo". Covilhã, 27-29 Out., 2011. Disponível em: (http://aup.org.pt/microsites/congresso/pdf/artigo.pdf)

C. das Hortas da Serra
C. do Marzagão
S.ta Ana
C. do Rego
FRIELAS
Mealhada
Montemor
Mosqueira
Q.ta da Imaculada
C. do Mortal
AGONIA
M.os da Caldeira
Q.ta do Marchão
Q.ta do Convento
M.o da Pipa
C. dos Reis
Q.ta da Pipa
Q.ta do Granjo
M.o do Serrado
C. do Cardoso
C. Carrascal
C. do Ronca Pequeno
C. de Rocha
Ponte de Frielas
C. do Bravo
C. dos Cavaleiros
CANEÇAS
Campos
BICA
C. da Carochia
Q.ta da Caldeira
C. da Paradela de C.
MONTE
Q.ta da Nazareth
Flamengas
C. do Monte
Castelo
Amoreira
Pedreira
C. do Carrasco
Q.ta Nova
Q.ta do André
Q.ta da Godiceira
C. do Cuco
C. da Granja
BISPO
M.os das Bruxas
C. dos Albardeiras
M.os da Abadeça
M.os das Covas
M.os das Terras
C. do Ventoso
Q.ta do Barroncho
C. do Provilegio
C. do Rocha
C. da Cabeça do Bispo
Trigache
M.o da Ginja
M.o da Longariça
do Pinhal
M.o do Carrasqueiro
M.o do Pereira
C. do Rubeirão
Arroja
M.os da Carreira
C. Barrosa de C.ª
C. do Loces
Q.ta do Bom Senhor
C. do Silveira
C. da Cornendadeira
C. do Seramago
C. dos Queimados
C. do Escapadeia
Barrosa de B.ª
C. do Mouriz
ALVITO
M.o de S. Diniz
ODIVELAS
C. dos Galinheiros
Q.ta do Reguengo
Q.ta das Pretas
Q.ta do Confeiteiro
C. da Mimosa
C. do Segolim
Famões
Q.ta do Porto Pinheiro
C. do Mosquita
Q.ta da Ponte
C. da Viuva
Q.ta de Basto
C. da Torrinha
Q.ta dos Milagres
Valdeu
M.o do Mal Gasto
C. da Figueira
Pombais
S. Roubado
Alto do Chapeleiro
F.ta da Ameixoeira
C. do Pedroso
M.o das Terras
M.o da Presa
C. da Barroca
C. do Mal Gasto
F.ta de Curtumes
F.ta do Guano
C. da Ribeira
Presa
Porto
C. do Miguel Diogo
Carriche
AMEIXOEIRA
Alcoutins
Q.ta do Troca
Escola Agricola
Serra
C. do Moita
Encosta da Luz
C. do Diabo
Azenha Velha
Q.ta S.to Antonio
S.ra dos Prazeres
Vale do Forno
Vale
C. do Carpinteiro
Casalinho
C. do Loiro
C. do Enforcado
C. do Urmeiro
LUMIAR
Paiã
Q.ta das Arrombas
Q.ta do Neves
C. da Loba
C. do Costa
C. das Canoas
Lage
C. do Abrantes
Torre do Lumiar
Q.ta da Musgueira
MUSGUEIRA
Q.ta da Lameira
Escola Profissional de Agricultura
Q.ta dos Mouros
Paço do Lumiar
Q.ta de S.to Eloy
Q.ta da Pentieira
Q.ta das Flores
Q.ta das Pedras
Q.ta dos Lilases
C. da Areia
C. da Branchoa
Q.ta da Freira
Q.ta dos Fradas
Q.ta das Camelias
C. do Besouro
Q.ta de Paiã
Casa Branca
Mal Penteado
Q.ta do Calheiros
Q.ta das Conchas
C. do Penedro
Pontinha
Q.ta do Serrado
Q.ta da Horta Nova de Fora
Q.ta do Pasteleiro
Sanat.o Popular
Calvanas de Cima

ticas determinantes ao modo de fazer cidade (Matoso, 1992) e é nesse âmbito que se deve centrar parte da discussão urbana – na política da cidade[17]. A discussão deve ser recentrada aí, por ser determinante e por ser onde se podem gerar visões e melhor preparar (precaver) o futuro.

Apontamentos Finais

As redes estruturantes de trajetos contam, de um modo geral e em parte, a história da transformação urbana e territorial porque essa estrutura está intimamente relacionada com a ideia de região, território e cidade que as sociedades constroem e com os próprios sítios, quer no modo mais natural ou mais artificial. O urbanismo de qualquer época está relacionado com as acessibilidades e como estas estruturam o território, como são exemplos: as vias romanas, as auto-estradas/via-férrea da cidade moderna de Corbusier, as autobahnen alemãs, entre outras, estando todas intrinsecamente relacionadas com o modelo de território de cada época como nas diferentes redes de trajetos analisados que simultaneamente demonstram a crescente complexificação da ocupação humana do território.

Com a expansão urbana os limites tornaram-se difusos mas, na atualidade a forma urbana recomeça em alguns pontos a ganhar limites precisos criados pelas próprias vias-rápidas (pode-se estabelecer analogia com as muralhas) como sucede a sul e a oeste de Odivelas. Pode-se até dizer que ganha portas que são os poucos acessos possíveis que as vias-rápidas permitem e que são normalmente pouco significantes e nada dignificantes porque não são tratadas como tal.

Em apenas sessenta anos passámos no local de Odivelas por uma transformação que em grande medida nos transportou de uma vila/freguesia de vida local, em contexto agrícola, com uma cultura relacionada com o sitio, a uma vila de subúrbio absolutamente dependente de Lisboa nas atividades económicas, sociais e culturais, com grande expressão de trabalhadores na industria com uma cultura muito relacionada com os meios sócio-profissionais, para uma cidade que já é uma centralidade com vida diária própria sendo cada vez menos subúrbio de Lisboa, em plena afirmação no sistema metropolitano, com uma população ocupada em diversos sectores de atividade, e uma cultura diversificada fruto da diversidade de gentes e de diferentes contextos onde trabalham, se relacionam e vivem, como sucede numa metrópole policêntrica como a atual.

14) ASCHER, François – "Les Nouveaux Principes de l' Urbanisme. La fin des villes n'est pas a l'ordre du jour", 2008, Éditions de l'Aube, trad. Portuguesa: Novos princípios do urbanismo, Livros Horizonte, Lisboa, 2010, p. 80. ISBN: 978-972-24-1670-2

15) PEREIRA, Margarida; SILVA, Fernando Nunes da – "Modelos de ordenamento em confronto na área metropolitana de Lisboa: cidade alargada ou recentragem metropolitana?" in "Cadernos Metrópole", n.º 20, 2º semestre, pp. 107-123, 2008. Disponível em: (http://75.126.32.112/download/cm_artigos/cm20_137.pdf)

16) MATTOSO, José – "Introdução à História Urbana: A Cidade e o Poder" in "Cidades e História", Ciclo de Conferências promovido pelo Serviço de Belas-Artes em Nov. 1987, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Belas Artes, pp. 9-33, 1992.

17) ROSSI, ALDO – L'Architettura della città", 1966, trad. Castelhana - La Arquitectura de la ciudad, Barcelona, Editorial Gustavo Gili SA, 1995.

REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS

CARTA CHOROGRÁFICA dos terrenos em volta de Lisboa comprehendendo a principal parte do Tejo adjacente á sua foz, 18--, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: http://purl.pt/3971

CARTA MILITAR de Portugal, Serviços Cartográficos do Exército. Extracto das cartas publicadas em: 1965 e 1993.

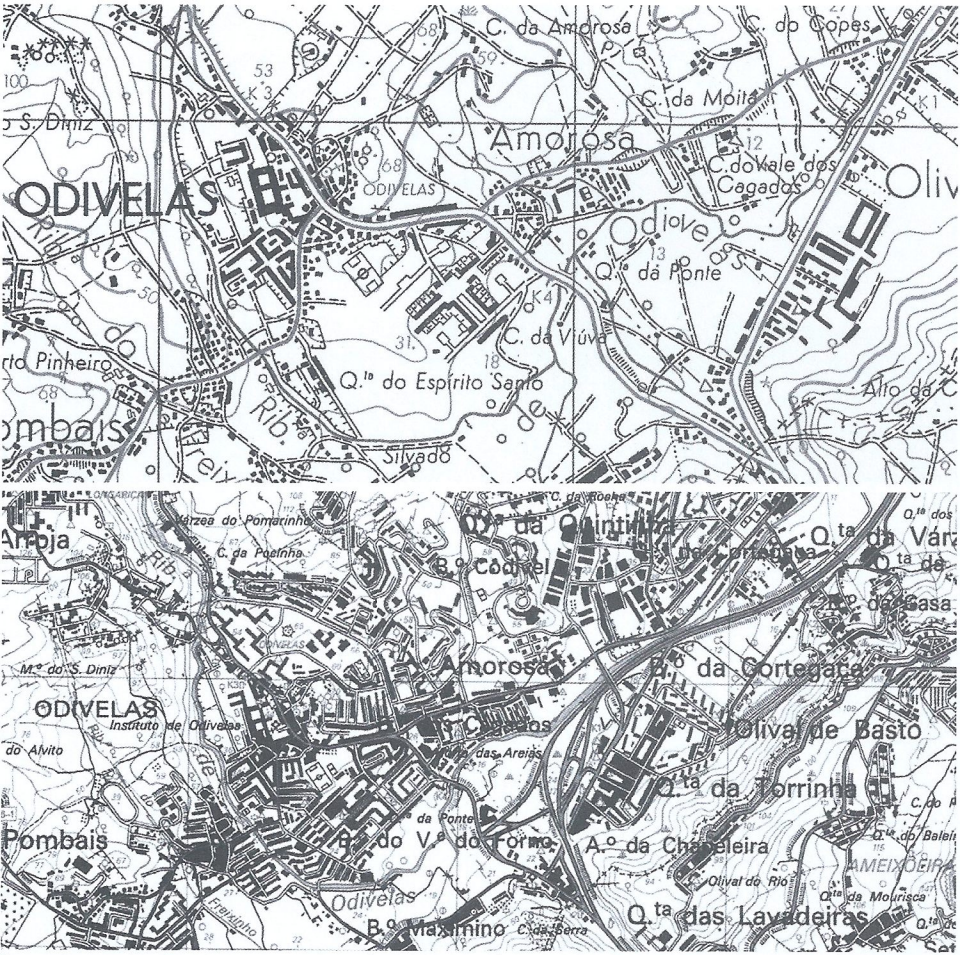

figura 2 - Extracto da Carta Militar publicada em 1965 (levantada em 1958)
figura 3 - Extracto da Carta Militar publicada em 1993